

Percepção dos professores sobre necessidades de alunos adolescentes: uma abordagem walloniana¹

Shirley C. Ferrari

A dissertação que deu origem a este artigo teve como objetivo central identificar, por meio do discurso, as necessidades que os professores percebem em seus alunos de 5ª série e como lidam com essas necessidades na sua sala de aula.

A experiência adquirida como coordenadora pedagógica de Ensino Fundamental II aponta a origem de meu problema: os conflitos, quase sempre, provocados por falta de diálogo entre professor e aluno, com predomínio de “lições de moral”, controle disciplinar mediante maior quantidade de conteúdos e o uso de notas e provas como punição.

Esses conflitos faziam crer que os professores não percebiam e, portanto, não lidavam adequadamente com as necessidades desses jovens e que, mesmo interessados em fazer com que seus alunos aprendessem, não atingiam esse objetivo por não levarem em conta os aspectos afetivos, cognitivos e motores necessários para a construção da pessoa do aluno.

Os professores priorizavam as informações a respeito dos conteúdos específicos, mantendo pouco contato com a história dos alunos. Mostravam ainda que a falta de preocupação com os aspectos motores e afetivos na sala de aula e o desconhecimento da relação destes com os aspectos cognitivos faziam com que se concentrassem nos últimos, sem considerar que atender, de forma integrada, as necessidades afetivas, cognitivas e motoras dos alunos

1 Este artigo deriva da dissertação de mestrado “Necessidades dos alunos de 5ª série segundo seus professores”, realizada sob a orientação da Profa. Dra. Abigail Alvarenga Mahoney e defendida no Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia da Educação da PUC-SP, em setembro de 1996.

pode significar minimizar conflitos, insucessos e insatisfação na relação pedagógica bem como o desenvolvimento harmonioso dos alunos.

A teoria de Henri Wallon (1958, 1968, 1975a, 1975b, 1985 e 1995) parece adequada para o desenvolvimento dessa temática, pois indica necessidades afetivas, cognitivas e motoras que devem ser satisfeitas na fase de desenvolvimento que nos preocupa, para que a formação do jovem se faça de forma integrada e completa.

De acordo com os estádios de desenvolvimento walloniano, o nosso aluno de 5ª série encontra-se no estágio da puberdade e adolescência, tendo atingido o pensamento categorial. Nesse estágio, a construção da pessoa ocupa o primeiro plano e deve ser trabalhada em seus aspectos afetivos, cognitivos e motores.

A forma como o professor percebe essas necessidades e como trabalha com elas, na sala de aula, é um dos determinantes da forma de seu relacionamento e os resultados de sua prática.

Para Wallon (1947 e 1975), o professor é uma pessoa responsável pelo desenvolvimento de seus alunos e deve, portanto, conhecer seus alunos, suas necessidades e criar condições para a afirmação de sua personalidade e construção de seu conhecimento, incentivando a iniciativa, a autonomia, a criatividade e a autodisciplina.

A posição walloniana fundamenta a idéia de que a observação do educador, seus contatos mais próximos com o grupo, o interesse demonstrado pelos resultados e dificuldades do grupo e de cada aluno contribuem para um maior envolvimento do aluno nas questões pedagógicas, uma vez que a dimensão afetiva ocupa lugar de destaque, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento.

Para um adequado desenvolvimento da criança há necessidade de se pensar no aluno como um ser total (afetivo, social, psicomotor e cognitivo) e em um trabalho pedagógico que leve em consideração todas essas dimensões.

A escola deve ser um lugar estimulador onde o jovem aprenda conteúdos significativos para sua vida e informe-se sobre a cultura da sociedade em que vive para que possa desenvolver-se integralmente.

Os alunos de 5ª série, interesse desse estudo, encontram-se num período de transformações do próprio corpo, com inúmeras indagações sobre si e sobre o mundo que os cerca. Deparam-se, também, com outras situações que lhes exigem uma maturidade nem sempre presente: não são capazes ainda de

decidir o que é prioritário e o que pode ser deixado para depois, revelando a dificuldade de lidar com o tempo, organizá-lo; estão extremamente interessados em si mesmos e só vão ficar atentos a assuntos que lhes interessem pessoalmente; suas opiniões e suas vontades estão por demais diluídas no grupo de seus pares e as figuras do adulto, pais e professores, desafiam-nos a encontrar um caminho entre a dependência natural e a oposição necessária para a construção de sua pessoa.

Compreender essas ambivalências de atitudes e sentimentos que se apresentam nessa idade, ouvir e respeitar suas idéias e opiniões e propiciar condições para que o jovem participe efetivamente de um grupo, elaborando regras e se responsabilizando por si e por outros, constitui-se num grande desafio à prática pedagógica que se pretende colocar como geradora de autonomia e responsabilidade.

Necessidades do período da puberdade e adolescência

Wallon, acima de tudo um psicólogo, afirma sempre a necessidade de conhecer o homem na sua totalidade e postula a formação do professor voltada, entre outros aspectos, ao estudo do processo de desenvolvimento do aluno.

Para ele, o professor precisa conhecer a psicogênese da criança, atender suas reais necessidades, e procurar combiná-las aos objetivos pedagógicos, a fim de garantir a eficiência em seu trabalho.

Na teoria walloniana, o desenvolvimento da pessoa é construído através de estágios² sucessivos, em que se alternam diferentes dimensões: afetivas, cognitivas e motoras.

As diferenciações entre essas dimensões se iniciam desde cedo caracterizando um conjunto de interesses, necessidades e comportamentos. A reciprocidade entre elas se mantém de tal forma que as aquisições de cada uma repercute permanentemente sobre a outra, resultando daí a construção de um ser com momentos predominantemente afetivos ou predominantemente cognitivos, não paralelos, mas integrados. Isto significa que a afetividade, para evoluir, depende de conquistas realizadas no plano da inteligência e motor, e vice-versa.

2 Para aprofundamento no assunto ler Tran-Thong (1987). *Estádios e conceitos de estágio de desenvolvimento da criança na Psicologia Contemporânea*. Lisboa, Edições Afrontamento, v. I.

Fica implícito na obra walloniana que a essas sucessões de predominância corresponde uma seqüência de necessidades a serem atendidas: necessidades orgânicas e afetivas, oportunidades para a manipulação da realidade, aquisição de conhecimento e a construção de si mesmo.

Na 5ª série o aluno encontra-se no estágio da puberdade e adolescência, definido por Wallon como uma etapa em que há uma preponderância das funções afetivas, nas quais a construção do sujeito ocupa o primeiro plano. É o período em que o jovem sente-se desorientado em relação a si mesmo: sente necessidade de apropriar-se novamente de um corpo que se transforma e já não reconhece; apresenta uma ambivalência de atitudes, comportamentos e sentimentos em que se alternam sentimentos de posse e sacrifício, de renúncia e aventura, de oposição e conformismo.

Do ponto de vista cognitivo é capaz de classificar situações e objetos; formar categorias intelectuais e representar o real através de dimensões espaço-temporal e causal, tendo como suporte a linguagem. Isto significa que tem capacidade para definir e explicar o objeto, abstraindo suas qualidades.

A crise da puberdade, tão conhecida e falada por nós, educadores, nada mais é que a tomada de consciência de si, incorporando uma condição temporal, em que o jovem começa a interrogar-se sobre seu destino, sobre as razões da existência, sobre a vida e a morte.

O jovem apresenta um sentimento de estranheza e descontentamento consigo mesmo que se reflete na relação com os outros. Esse descontentamento gera desejos de mudanças, instala um período de oposição aos adultos que representam as leis e controles que questiona.

Essa oposição é apoiada em sólidos argumentos e apresenta condutas que colocam exigências racionais às relações afetivas: necessidade de respeito recíproco, justiça, igualdade de direitos. Para que essa oposição seja criadora é necessário que o adulto tenha segurança de valores e firmeza nas decisões.

A satisfação dessas necessidades facilita a busca da integração desses conflitos e levam a um reequilíbrio interior que favorece o pleno desenvolvimento de sua personalidade.

O jovem dessa idade avança no plano intelectual, sente que é polivalente, ou seja, capaz de assumir funções e posições diferentes nos vários grupos a que pertence e também, graças à maturação dos centros nervosos de discriminação e inibição situados no córtex cerebral, é capaz de maior con-

centração para a realização de atividades, reduzindo gradativamente sua atividade motora exterior.

Embora Wallon não apresente, de forma sistematizada, as necessidades que devem ser satisfeitas em cada fase do desenvolvimento da pessoa, a leitura de sua obra e a descrição das características de cada estágio indicam as necessidades que devem ser atendidas para que os jovens (nossos alunos de 5ª série) possam construir sua personalidade de forma integrada, autônoma e responsável.

A teoria walloniana pode contribuir para uma nova forma de orientar a prática pedagógica dos professores que trabalham com alunos na puberdade, para que possam compreender melhor que, além das transformações orgânicas, esse é um período de mudanças nas atitudes e sentimentos, e a satisfação das necessidades deve considerar os avanços cognitivos, sem descuidar dos aspectos afetivos e motores.

Ouvir o aluno, entender sua oposição, permitir que participe das atividades e elaboração das regras do grupo propiciam ao jovem a satisfação de suas necessidades de respeito, justiça, igualdade, autonomia e responsabilidade. Trabalhar com o conhecimento de forma a satisfazer sua necessidade de aprender, sua curiosidade sobre si e sobre o mundo que o cerca, afetando-o diretamente com conteúdos adequados, possibilita ultrapassar o cotidiano através dos sonhos e fantasias.

Atentar para a necessidade que esse jovem tem de movimento, por conta de toda energia própria dessa fase de transformações, em que o corpo ocupa um espaço diferente a cada dia; aceitar essa realidade sem exigir em demasia uma postura “sentante” e “ouvinte” contribui para um envolvimento favorável às atividades escolares.

Se considerados esses pontos, é bem possível que o professor possa articular uma prática pedagógica que minimize as experiências de insucesso e insatisfação e leve o aluno ao conhecimento e à efetiva construção de sua pessoa.

Encaminhamentos e conclusões da pesquisa

Foram envolvidos na pesquisa seis professores especialistas das áreas de Português, Matemática, História, Geografia, Ciências e Educação Física, que trabalham com as 5ª séries de uma escola municipal na periferia de São Paulo.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas com questões que buscavam obter informações sobre quais necessidades os professores percebem em seus alunos e como lidam com elas durante o processo pedagógico. Também foram feitas observações de aula de cada professor entrevistado com o objetivo de complementar as informações obtidas.

O discurso dos professores, principal material deste trabalho, foi categorizado em três grandes temas a saber: necessidades afetivas, necessidades motoras e necessidades cognitivas.

Alguns mais e outros menos adequadamente procuram satisfazer essas necessidades, de acordo com o que aprenderam no seu processo de formação, ouviram em cursos ou perceberam em leituras sobre o valor de uma boa relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem.

Atenção e carinho são indicadas como necessidades por quatro professores, porém apenas dois parecem satisfazê-las de forma adequada, pois apresentam, no seu discurso, preocupação em tratar bem os alunos, ouvi-los sobre suas dificuldades e necessidades, enquanto que os outros limitam-se ao contato físico que nada tem de afago ou mesmo impondo um certo distanciamento por medo de se envolver e de que os alunos se tornem dependentes. Nos dois casos é uma resposta às tentativas de aproximação do aluno.

Limite, disciplina e oposição também aparece com certa frequência na fala dos professores. O limite e a disciplina têm caráter de instrumentos para comando da sala por parte do professor e, em apenas um depoimento, aparece como algo a ser construído ou esclarecido com o aluno. E a oposição como um comportamento que deva ser “moldado” ou, para a maioria dos professores, relacionado à sua forma de dar o conteúdo, sua metodologia, em que o uso do convencimento é a regra para persuasão. Em nenhum momento considerada como parte importante do processo de construção da personalidade do jovem.

A maioria dos professores entrevistados querem exercer, de forma autoritária, o comando da sala de aula. Indicam a necessidade de aprender, mas é um aprender limitado ao que ele, professor, decide ser mais importante, sem considerar as características e necessidades dos alunos dessa idade. O que explica as queixas constantes de não aprendizagem: “desinteresse”, “falta de pré-requisitos”, “falta de recursos materiais”, “falta de proteína”, etc.

Estar motivado para aprender aparece no discurso de alguns professores sempre relacionado ao despertar do interesse do aluno, mediante recurso me-

todológico, para envolvê-lo numa atividade proposta pelo professor. O interesse, pelo conteúdo, pode ser suscitado quando a curiosidade é instigada, quando há possibilidade de participação, de expôr idéias, de questionar sobre o próprio conteúdo que se pretende ver apreendido.

Durante os depoimentos, alguns professores ligaram afetividade e cognição indicando como necessidades o afeto, o lúdico, o gostar da matéria enquanto que outros, apesar de se dizerem preocupados com aspectos afetivos, não lidam de forma adequada com eles durante sua ação pedagógica, pois preocupados com o programa a ser cumprido, não ouvem o aluno, não lhes dispensam atenção e deixam de respeitar seu ritmo e possibilidades. Não levam em consideração a existência ou não de pré-requisitos.

Alguns dos professores ilustram bem a situação de insegurança em que se encontram para definir suas posturas metodológicas quando, ao fazerem uma auto-crítica durante a entrevista, confirmam a necessidade do afeto, do lúdico e do cognitivo estarem juntos, mas ao menor sinal de perda de controle disciplinar do grupo retomam uma postura mais “tradicional” mesmo sabendo que “passar conteúdo garante a disciplina, mas não garante a aprendizagem”.

Os estudos realizados confirmam que conhecer a psicogênese da criança e ter uma postura de constante observador do seu aluno possibilita, ao professor, condições de tomar decisões acertadas a respeito de suas ações pedagógicas, pois adequaria o conteúdo e metodologia aos interesses e necessidades do jovem com o qual trabalha.

Ter conhecimento sobre as condições de vida do aluno é um aspecto relevante porque as necessidades e interesses variam de acordo com essas condições de existência. No entanto, os professores entrevistados demonstram desconhecer, de fato, o que ocorre na vida dos jovens com os quais trabalha, limitando-se a enumerar as carências – materiais, existenciais, de proteína – e retomando discursos há muito existentes nos meios escolares, como, “é preciso analisar dentro das possibilidades do aluno”; “têm carência de afeto”; etc. Apenas uma professora demonstra conhecer as condições de existência de seus alunos, conversa com eles sobre suas necessidades e tenta satisfazer, através de campanhas por exemplo, algumas delas, para que eles não se sintam tão diferentes dos outros jovens da mesma idade pois, segundo ela, “eles não têm culpa de ter nascido do outro lado da rua” numa referência à rua que separa o bairro da favela.

Esses professores receberam uma formação em que se privilegia a competência para formular objetivos, escolher conteúdos, utilizar estratégias variadas à aprendizagem, mas não aprenderam a observar seus alunos e nem a importância de refletir constantemente sobre seu desempenho em situações específicas.

As necessidades, indicadas pelos professores entrevistados, contemplam os aspectos afetivos e cognitivos. As necessidades motoras não aparecem nas falas, o que pode indicar uma visão distorcida de movimento como algo perturbador e que deva ser evitado. Espera-se do aluno uma postura sentada, quieta e sem movimentos, desconhecendo-se a importância do movimento para o desenvolvimento do aluno e sua aprendizagem.

Alguns professores, apesar de indicarem necessidades afetivas e cognitivas dos alunos, apresentam, no desenrolar da entrevista e nos momentos de observação, uma postura autoritária nas interações com seus alunos que não propicia a satisfação dessas necessidades. É no mínimo contraditório afirmar que os alunos precisam ser ouvidos, ter atenção e aprender quando se pretende “moldar” e se manter distante desse aluno por “medo” de se envolver ou que eles fiquem “grudados”, de acordo com alguns depoimentos.

Respeitar as possibilidades do aluno, considerar suas condições de vida, entender atitudes de oposição como parte do processo de seu desenvolvimento, estabelecer limites claros e com sua participação, desenvolver atividades adequadas e interessantes são algumas das necessidades desses jovens, que alguns professores satisfazem adequadamente, conforme observação feita em suas aulas.

Outros professores usaram o momento da entrevista para refletirem sobre suas práticas e, com isso, demonstraram o quanto oscilam entre atender às necessidades dos alunos, que querem participar, falar, aprender e se opor, e às suas próprias necessidades, que é fazer com que o aluno ouça e aprenda, sem se desgastarem muito para isso, pois precisam dividir suas forças entre mais trabalhos e vida particular. Não percebem que o equilíbrio está no atendimento das necessidades dos dois lados envolvidos no processo educativo.

É no momento de aula, no encontro entre professor e aluno, que as necessidades surgem, podem ser criadas e devem ser satisfeitas para que o ato de ensinar atinja seu objetivo e, ao mesmo tempo, propicie desenvolvimento e prazer a ambos, sem muito desgaste.

A teoria walloniana pode contribuir para a reflexão sobre a satisfação adequada e integrada das necessidades cognitivas, afetivas e motoras dos jovens nessa fase de desenvolvimento e, assim, para alicerçar uma aprendizagem melhor e colaborar para a formação da pessoa do aluno.

Considerações finais

Ao iniciar este trabalho, tinha como hipótese que os professores de 5^a série não tinham um bom relacionamento com seus alunos, tinham dificuldades em manter um diálogo que não traduzisse cobranças e “lições de moral”; enfim, que as interações eram, na sua maioria, formais, e que o aluno estava ali para aprender o que o professor planejava ensinar-lhe devendo permanecer quieto, atento e pronto a devolver tudo o que aprendera nos momentos de prova. O diálogo, a participação e os questionamentos do aluno eram vistos como entraves para uma efetiva ação pedagógica.

Minha certeza, devido a contatos com alunos dessa idade, como coordenadora de escola, era que uma sólida relação afetiva, baseada em diálogo, respeito e conhecimento de suas possibilidades e necessidades era condição para a melhor aquisição do conhecimento.

Senti, algumas vezes, no decorrer deste trabalho, a sensação de estar escrevendo sobre coisas óbvias e redundantes. Discorrer sobre necessidades dos jovens adolescentes nessa fase de desenvolvimento e posturas inadequadas de professores parecia-me retomar discussões que há muito acontecem nos meios educacionais. Entretanto, a literatura não registra essas discussões.

Algumas análises feitas justificam o meu trabalho no sentido de deixar aqui registrado o quanto alguns professores estão buscando caminhos para sua melhor atuação pedagógica. E também a relevância de se conhecer as necessidades próprias de cada fase do desenvolvimento do aluno para que se minimizem os conflitos dessa relação.

Enquanto alguns professores, em suas práticas, se mantêm numa relação de autoritarismo e distanciamento do aluno, outros procuram perceber com mais atenção o jovem que está ali a sua frente, suas dificuldades, condições de vida e necessidades.

Continuo acreditando e agora confirmo que a afetividade, expressa de forma construtiva, é suporte para o desenvolvimento e também condição para aprendizagem pois, em alguns relatos, os professores, mesmo mantendo posturas tradicionais, em que planejam, expõem e verificam o conteúdo dado sem muita participação do aluno, mas apresentando um relacionamento mais próximo, tratando-o bem, conversando e reconhecendo suas condições pessoais, conseguem maior colaboração nas atividades e um ambiente tranqüilo e agradável na sala de aula.

Os depoimentos apresentaram a percepção dos professores sobre várias necessidades dos alunos, no entanto chamou-me atenção que em nenhum deles, as necessidades motoras foram indicadas. Isto não significa que deixem de satisfazê-las, visto que na sala os alunos movimentam-se com frequência para apontar o lápis na lixeira, trocar material com o colega, ir à mesa da professora, sair para o banheiro, etc., o que demonstra uma certa tolerância do professor por entendê-la como parte da rotina da aula.

Ainda quanto à falta de indicação do movimento de forma explícita, chamou-me atenção, em particular, que a própria professora de Educação Física, que tem no movimento do aluno seu objeto de trabalho, não o indica como necessidade e isso talvez confirme a inferência de que esses movimentos já estejam incorporados e bem aceitos na rotina de classe, passando despercebidos como uma das condições de desenvolvimento e aprendizagem, nessa idade, segundo propõe a teoria em que me referencio.

A ênfase dada ao papel do professor como única fonte de satisfação das necessidades dos alunos foi por mim delimitada apenas como um dos possíveis recortes e porque este trabalho pretende ser mais um instrumento de reflexão e avaliação da postura do educador como uma das figuras fundamentais do processo pedagógico. No entanto, o apoio do grupo de seus pares e outros profissionais da escola também podem colaborar e possibilitar ao jovem satisfazer suas necessidades de modo a construir sua pessoa de forma autônoma e responsável.

Entender que o jovem está se construindo afetiva e cognitivamente ao mesmo tempo faz com que o professor procure, ao cumprir seu papel de proporcionar condições para a construção do conhecimento, organizar suas atividades de forma a satisfazer as necessidades afetivas, cognitivas e motoras do aluno com aulas dinâmicas e prazerosas, com temas que interessem

à sua faixa etária, possibilitando a participação ativa nos encaminhamentos do trabalho.

Na teoria walloniana, o professor tem um papel de destaque na atividade educativa e deve usá-lo de forma a efetivar a satisfação das necessidades que o jovem de 5ª série tem de respeito, justiça, aventura, reciprocidade, conhecimento, movimento, participação e oposição.

Mas não deve esquecer ou negligenciar suas próprias necessidades, sob o risco de não atingir o prazer de ensinar, condição indispensável para um ensino produtivo, isto é, que garante a aprendizagem. A ação pedagógica só se completa ao contemplar as necessidades de aluno e do professor, parceiros que são da relação pedagógica.

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo identificar as percepções que os professores têm das necessidades de seus alunos de 5ª série e como procuram lidar com elas na situação de sala de aula.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas realizadas com professores especialistas de área e analisados sob a ótica do psicólogo e educador francês Henri Wallon (1879-1962) que indica, em sua teoria de desenvolvimento, quais necessidades dos adolescentes devem ser satisfeitas para que seu crescimento ocorra de forma completa e integrada.

A pesquisa indicou que os professores identificam algumas necessidades desses alunos, porém, segundo a teoria walloniana, alguns não lidam adequadamente com as mesmas, não conseguindo satisfazê-las de forma a contribuir para o desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor dos alunos que estão sob sua responsabilidade.

Abstract

The objective of this work is to identify the perceptions teachers have of their 5th grade students' needs and how these teachers deal with such needs in the classroom.

The data was collected through interviews made with teachers specialized in the area. These data were analyzed according to the point of view of the French psychologist and educator Henri Wallon (1879-1962), who indicates in his development theory, which are the

adolescents' needs that have to be fulfilled in order to guarantee that their growth occurs in an integrated and complete way.

The research showed that the teachers identify some of the needs of those students; however, as far as Wallon's theory is concerned, some of those teachers do not deal with these matters adequately. As a result, they do not manage to fulfill those needs so as to contribute to the affectionate, cognitive, and motor development of the students under their responsibility.

Resumen

El objetivo de este trabajo es identificar la comprensión que tienen los profesores de las necesidades de sus alumnos de 5º grado y como esos profesores tratan de esas cuestiones en sus clases.

Los datos fueron colectados entrevistando profesores especializados en el área. Esos datos se analizaron de la perspectiva del sicólogo y educador francés Henri Wallon (1879-1962), quien apunta, en su teoría del desarrollo, cuales son las necesidades de los adolescentes que tienen que ser atendidas para asegurar que su crecimiento se produzca de manera completa e integrada.

La encuesta demostró que los profesores identificaban algunas de las necesidades de los estudiantes; estretanto, no todos trataban adecuadamente esas cuestiones, del punto de vista de Wallon. En consecuencia, no alcanzan a atender esas necesidades de modo a contribuir efectivamente para el desarrollo afectivo, cognitivo y motor de los estudiantes bajo su responsabilidad.

Referências bibliográficas

- Tran-Thong (1987). *Estádios e conceitos de estádios de desenvolvimento da criança na psicologia contemporânea*. São Paulo, Ed. Afrontamento.
- Wallon, H. (1947). "Plano de Reforma Langevin-Wallon". In: MERANI, A. L. (1969) *Psicologia y Pedagogia (Las ideas pedagógicas de Henri Wallon)*. México, Editorial Grijalbo, S.A.
- _____ (1958). A Adolescência. *Revista Enfance*, n. 4-5, Paris.
- _____ (1968). *A evolução psicológica da criança*. Lisboa, Ed. 70.
- _____ (1975a). *Objetivos e métodos da Psicologia*. Lisboa, Estampa.
- _____ (1975b). *Psicologia e educação da infância*. Lisboa, Estampa.

_____ (1985). *La vida mental*. Barcelona, Editorial Crítica.

_____ (1995). *As origens do caráter na criança*. São Paulo, Nova Alexandria.

Shirley C. Ferrari

Doutoranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação:
Psicologia da Educação da PUC-SP